



DISPOSITIVO: ASSEMBLEIA (CAMINHO PARA IMPLEMENTAÇÃO)

Tenho o firme propósito de começar alguma mudança dentro da minha sala de aula. Gostaria de saber de você qual desses projetos eu poderia introduzir logo no início do ano. O grupo de Responsabilidades?

Professora:

Louvo a coragem de querer introduzir mudanças na sua sala de aula. Um dos requisitos de qualquer bom educador é ser destemido. A primeira batalha já foi vencida por si, pela vontade de agir. Aceitar este desafio é de se valorizar. Existem muitos professores que, infelizmente, compactuam com o sistema e agem mecanicamente, sem refletirem e sem efetivarem qualquer transformação.

Sem querer sobrevalorizar umas opções em detrimento de outras, se fosse eu talvez iniciasse o ano com um desafio: indagara os alunos, no sentido de se perceber o que estes mudariam na escola, se eles a gerissem (levantamento de necessidades, problemas, desejos); registraria a informação partilhada num lugar onde todos pudessem visualizar. A partir daí, tudo pode acontecer... Criação de grupos de Responsabilidade; grupos de trabalho (dentro da turma); criação de uma listagem de Direitos e Deveres; reunião de Assembleia (teria de ser criada/proposta) etc. Se, por exemplo, eles trouxessem livros de casa, revistas, jornais etc., poderia ser dada a oportunidade de aprendizagem sem ter de recorrer apenas aos livros didáticos (incentivo à partilha!).

Com um excerto do livro da Alice do País das Maravilhas: - Qual é o caminho? - Depende de onde queres chegar!...

Gostaria de pedir aos entrevistados, que, se possível, apresentassem alguns exemplos das regras aprovadas pelos alunos, dos dizeres dos estudantes nos espaços: "posso ajudar", "preciso de ajuda", das "responsabilidades".

Professora:

As regras aprovadas pelos alunos constituem o dispositivo dos Direitos e Deveres, aprovado em Assembleia de Escola. Enquanto a nova lista é aprovada, está em vigor a lista do ano anterior.

O Preciso de Ajuda está relacionado com "ajuda" ao nível das aprendizagens. Isto é, os alunos utilizam-no para pedir ajuda relativamente a algum assunto em que sente dificuldade. Isto deve acontecer após ter já pedido ajuda ao grupo, ter procurado nos livros ou outras fontes e ter pedido ajuda ao professor. Só após ter passado por todo este processo, deve utilizar esse dispositivo, que depois de visto pelo professor, o remeterá para uma "aula direta".



Nos dispositivos Acho Bem e Acho mal os alunos escrevem coisas tais como: “Acho mal que alguns alunos não peçam a palavra; Acho mal que alguns alunos não me respeitem; Acho mal que os elementos da mesa não vão pedir assuntos para a convocatória à Educação Física; Acho mal que alguém tenha deitado lixo para o chão; Acho mal que o “...” não aceite a minha ajuda; Acho bem que os professores nos ajudem; Acho bem termos direito a dar a nossa opinião”...

No que concerne às Responsabilidades, incluindo a Assembleia de Escola e a Comissão de Ajuda, estas asseguram a gestão dos espaços de trabalho e das diversas formas de intervenção dos alunos, na vida da Escola. São, muitas vezes, reguladoras de comportamentos e atitudes. Posso referir, por exemplo, a extrema importância da Comissão de Ajuda, na monitoração do Acho Bem e Acho Mal e na resolução de problemas no dia-a-dia da Escola.

Assembleias: Gostaria que vocês discorressem um pouco mais sobre este tópico. Representantes dos alunos: são eleitos dentro de cada projeto? Nível? Tipos e exemplos de propostas apresentadas nas discussões preparatórias? Exemplos de propostas dos alunos adotadas, que trouxeram alterações significativas na estrutura ou metodologia da Escola? Podem discorrer um pouco sobre os recursos criados pelos alunos para coibir a indisciplina e os resultados obtidos? No geral, estas práticas são suficientes para resolver os problemas, ou é necessária a intervenção dos tutores/professores?

Educadora brasileira:

Para que as assembleias sejam iniciadas, é preciso realizar a eleição das listas (uma espécie de chapas), que fazem propostas para escola. As listas devem ser constituídas por 10 alunos, 5 meninos e 5 meninas.

Depois de formadas as listas devem fazer promessas para melhorar a escola. Na campanha eleitoral, cada lista tem que esclarecer suas promessas e explicar a todos as possibilidades de concretização. Após a apuração dos votos, a mesa da assembleia é composta, respeitando a lei Hondt¹, para que haja representantes de todas as listas. O presidente da assembleia é o presidente da lista mais votada.

Exemplos de promessas: organizar concurso de Karaokê com os professores; renovar o refeitório; fazer exposição de origami; organizar um concurso de limpeza da escola; colorir mais a escola; semear mais grama e colocar mais plantas no pátio; fazer mais jogos no recreio; organizar um concurso de culinária; realizar um festival de inverno.

Uma lista dizia: “Prometemos tentar cumprir todas as promessas”.

¹ Sistema de representação proporcional de lista, utilizando o método de d’Hondt (concebido nas últimas décadas do século XIX pelo jurista belga Victor d’Hondt)



Sobre as práticas de gestão do ambiente moral, o ficar para refletir era algo presente no discurso das crianças, principalmente com as crianças que já tinham a proposta internalizada. Nos casos de alunos que estavam na Ponte pela primeira vez e que apresentavam sérios problemas de indisciplina, a intervenção dos professores era fundamental.

Educadora brasileira:

Transcrevo uma Convocatória e duas Atas de assembleias, para que tenham uma noção mais concreta de como funciona. É tudo feito pelos membros da mesa de assembleia, que contam com a orientação de dois professores, para a preparação e avaliação das assembleias, pois na hora mesmo é com as crianças/adolescentes, que são os verdadeiros protagonistas.

Convocatória Nº 01

Convoca-se todos os alunos, professores, funcionários e visitas para a primeira Assembleia da Escola, a realizar na sexta-feira, dia 28 de Outubro de 2005, pelas 11h00min, com a seguinte ordem de trabalhos:

Leitura e aprovação da ata das eleições da escola.

Funcionamento da Assembleia

Eleição da Comissão de Ajuda

Tempo para professores, alunos, funcionários e visitas

Dar a palavra aos meninos que participaram no projeto da Casa da Música.

Vila das Aves, 26 de Outubro de 2005.

A Presidente da Mesa

(Sara Patrícia da Silva Rocha)

Ata das Eleições

No dia 14 de Outubro de 2005, pelas 08h 55 minutos, no refeitório, foram abertas as urnas das eleições da Mesa da Assembleia do ano letivo 2005/2006.

O ato eleitoral decorreu normalmente.

Na mesa I votaram 41 alunos/as, tendo faltado à votação 2 pessoas. Contados os votos, a lista A obteve 23 votos; a lista B, 4 votos; a lista C, 7 votos e a lista D, 6 votos.

Na mesa II votaram 23 alunos, tendo faltado apenas uma pessoa. Os resultados obtidos foram: lista A teve 7 votos; a B, 6 votos; a C teve 4 e a lista D, 6 votos.

Na mesa III votaram 37 alunos, não tendo faltado ninguém. Os resultados obtidos foram: a lista A teve 21 votos; a lista B teve 6 votos; a lista C, 6 votos e a lista D teve 3 votos.



Na mesa IV votaram 48 pessoas, tendo faltado duas pessoas. Os resultados obtidos foram: lista A, 25 votos; lista B, 4 votos; lista C, 14 votos e a lista D teve 4 votos.

Houve 4 votos nulos, distribuídos pelas quatro mesas.

Assim, no total, a lista A teve 76 votos; a lista B teve 20 votos; a lista C teve 31 votos e a D teve 18 votos.

Após a contagem dos votos, a Mesa ficou constituída da seguinte forma:

Sara Rocha- Presidente da mesa / Luís Castro- Vice-presidente / João Pinheiro-1º secretário / Inês Tavares- 2º secretária / Susana Ferreira- 3º secretária / Marcos- 4º secretário / Lara Brito- vogal / José Alberto- vogal / Marina- vogal / Maria Nogueira – vogal / Nuno Silva- 1º suplente / Daniel Elias- 2º suplente / Miguel Ângelo- 3º suplente / Miguel Castro- 4º suplente / Mariana Rodrigues- 5º suplente (Para substituir o Miguel Ângelo: José Pedro Castro)

Ata n. 01

No dia 28 de Outubro de 2005, pelas 11h15m, realizou-se a primeira Assembleia do ano letivo 2005/2006.

A Sara Rocha começou por ler a Ata de Eleição, que foi aprovada por unanimidade.

Passamos ao assunto seguinte: "Funcionamento da Assembleia ". O Luís Castro perguntou o que era a Assembleia e vários meninos responderam, chegamos à conclusão que a Assembleia era um local onde se debatiam os problemas de toda a gente e se encontravam soluções conjuntas. Depois o Luís perguntou para que serve a Assembleia e toda a gente disse que a Assembleia servia para debater e resolver os problemas da escola, menos o Gerson que disse que ao repetirmos as coisas estávamos a perder tempo. A professora Ana discordou completamente do Gerson, dizendo que os meninos que estavam na escola pela primeira vez deveriam aprender estes assuntos. Depois disto o Luís Castro perguntou como funciona a Assembleia e vários meninos responderam.

Passamos ao assunto seguinte: "Eleição da Comissão de Ajuda". A Sara Rocha disse que a Comissão de Ajuda deste ano era assim constituída:

Elementos escolhidos pela Mesa da Assembleia: Rita Cardoso e Mário Rui

Elementos escolhidos pelos Professores: Susana Salgado e Abílio Godinho

Cada elemento da Comissão de Ajuda disse o que sentia. Depois disso a Mesa da Assembleia fez algumas perguntas.

Passamos ao assunto seguinte: "Tempo para professores, alunos, funcionários e visitas". O Ricardo Martins disse que existia o problema das bolas e o Mário Rui tranquilizou o Ricardo Martins, dizendo que a Comissão de Ajuda ia começar a resolver o problema.

A Maria Clara pediu a quem encontrasse a caneta dela para entregá-la.



O Zé Alberto perguntou aos meninos do projeto da Casa da Música se queriam falar do que fizeram e como se estavam a sentir. O Cristiano disse que gostou muito e que estava contente com a visita que fez, a Flávia disse que tinha gostado muito e que estava também muito feliz. A Rita Cardoso deu os parabéns aos meninos do projeto da Casa da Música e o Cristiano agradeceu os parabéns. A Letícia também disse que gostou muito. Finalmente, o Paulinho deu os parabéns a todos os meninos do projeto da Casa da Música.

As visitas não quiseram falar.

Sem mais tempo, encerrou-se a primeira Assembleia.

Vila das Aves, 03 de Novembro de 2005
A PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA

(Sara Patrícia da Silva Rocha)

Com base na sua experiência, poderia esclarecer um pouco mais sobre como se dá o desenvolvimento do senso crítico? Existe uma base de trabalho, que vem de anos anteriores, muito relacionada com as atitudes, que ajuda a integrar os novos. Que formas são essas? Como você definiria o estado emocional e psicológico das crianças participantes das primeiras assembleias? Por tratar-se de uma educação para todos, qual é o período estimado para a superação da criança que vocês recebem de outra escola?

Professor:

Tudo está relacionado com as vivências de anos anteriores, com toda a experiência que os alunos já possuem de vida em cidadania através da sua assembleia de escola e de outros dispositivos e vivências. É evidente que muito do trabalho que é desenvolvido por estes "cidadãos de palmo e meio" nasce de um forte contexto de aprendizagem, numa base de tentativa e erro, de muita tentativa e muito erro!

Pela experiência que possuo (que também não é muita...), verifico que os elementos que constituem as mesas da assembleia desenvolvem enormes capacidades ao longo do ano. O início é muito difícil para eles e é necessária muita compreensão por parte de todos. As dificuldades apontadas são trabalhadas, em grande parte, fora do espaço da assembleia, nomeadamente, em espaços de debate, que antecedem as reuniões (em grupos menores, o que ajuda bastante), em reunião de tutoria e no próprio dia-a-dia. É importante que os meninos se preparem de forma consistente e adequada para as reuniões, para que as sintam como algo significativo.



Quando me perguntam qual o estado emocional das crianças nas primeiras assembleias, a resposta é muito simples: como os adultos se sentem em situações de exposição pública? É um exercício muito difícil e que exige imenso deles. De forma a minimizar estas dificuldades, e tal como os adultos fazem, quanto melhor for a preparação das reuniões e o conhecimento dos assuntos, menor será o estado de ansiedade dos meninos. Já aconteceu de alguns alunos não conseguirem intervir quando são solicitados, mas isso é um processo natural, que se vai desenvolvendo positivamente e com muita ajuda dos colegas e de todos os demais intervenientes educativos.

Quando me perguntam qual o tempo que os novos alunos necessitam para se ambientarem à nova escola, não posso responder com muita exatidão, pois cada aluno necessita de um tempo específico. No entanto, pelo que verifico, não é necessário muito tempo, para que tal aconteça, uma vez que o aluno tem a ajuda dos seus colegas e em especial, do seu grupo de trabalho. Por outro lado, as crianças possuem enormes capacidades de adaptação a novas situações e, quando se muda para melhor, é sempre mais fácil...

Vocês falam de "valores humanos não institucionalizados" propõem a construção da autonomia da criança, através dos modos de desenvolverem as atividades na escola, como uma das maneiras 'tranquilas' de superação da indisciplina: a criança tem a chance de construir atitudes diversas. Por isso, talvez não fique presa ao constante questionamento da ordem vigente. Pode inventar e pensar outras ordens e outros questionamentos. É mais ou menos isto?

Tive uma experiência de prática pedagógica numa a escola experimental, onde os alunos faziam assembleia s. Nossa dificuldade era administrar (controlar) a enorme gama de ações e atitudes propostas pelas crianças para resolver os problemas da escola. Não tínhamos pernas para tanta solução e encaminhamento! Como vocês trabalham com as demandas da própria assembleia? Ela tem um caráter deliberativo? Executivo? Ou os dois? E, quando não conseguem dar consequência aos encaminhamentos, o que fazem? A vossa proposta parece-me muito próxima da abordagem de Humberto Maturana, quando propõe que as relações sociais só são sociais - constitutivas da sociabilidade dos sujeitos - na medida em que aprendemos a "respeitar o outro como legítimo outro na convivência".

Em que medida necessitamos, em nossos ambientes escolares (institucionalizados), de um pouco de indisciplina para superarmos rotinas, cristalizações de espaços e tempos tão comuns nos meios pedagógicos? Ou, em outras palavras, seria perguntar se vocês concordam que nem toda a autoridade deve ser exercida todo o tempo quando falamos de educação (transformação)? Ou, ainda: Quais os limites da própria autoridade? Da disciplina?



Professores:

A assembleia é vista pelos alunos como um dispositivo de trabalho muito importante e muito significativo, até para os alunos ditos como mais problemáticos. Tudo depende do que é tratado nas assembleias! Se neste espaço de trabalho forem discutidos assuntos que lhes digam muito, o comportamento será adequado e apropriado. Daí, a importância de serem os alunos a fazer a convocatória, ou seja, serem eles a pedir os assuntos pelos espaços de trabalho diário, para que estes possam dar o seu contributo para o debate da assembleia seguinte.

Outro aspecto muito importante a ter em conta diz respeito ao fato de este espaço ser visto pelos alunos como uma oportunidade fantástica para que possam expressar a sua opinião, que efetivamente é tida como importante e respeitada pelos outros.

A Assembleia funciona pelos dois sentidos que falaste: deliberativo e executivo. São os alunos que fazem as propostas a serem votadas e são os mesmos que as colocam em prática, de uma forma organizada e planificada. É evidente que, por vezes, somos colocados perante situações difíceis. Nem sempre os alunos agem com bom senso. É aqui que entra o professor, agindo como “entidade reguladora”...

O aluno deverá escolher o seu próprio caminho escolar, mas não pode confundir liberdade com falta de responsabilidade ou com desresponsabilização. Autonomia com responsabilidade!

Muitos problemas de indisciplina estão relacionados com uma relação muito distante, fria entre aluno e professor. Se existir uma relação de respeito, o aluno percebe que existem barreiras que não pode passar. Ele percebe isto sem que o professor o diga. Somente é preciso que o sinta. Quando falamos em relação próxima, não nos referimos “aos beijinhos e abraços”, entre professor e aluno (também pode acontecer...), referimo-nos a uma relação construída em alicerces de respeito e admiração não forçada, que se vai ganhando com o decorrer do tempo.

Não entendemos que um aluno é disciplinado quando está domesticado! São coisas antagônicas. A domesticação passa pela imposição de algo, disciplina está relacionada com o crescimento pessoal do indivíduo.

Desejo entender um pouco melhor a dinâmica das assembleias dos alunos, como eles percebem as situações vivenciadas. Os pais participam delas também? Como elas se instalam? Qual o sentimento dos alunos ao participarem desta atividade? Com que frequência elas acontecem?

Aluna:

A assembleia realiza-se todas as sextas-feiras e nela participa toda a comunidade escolar, desde os alunos aos professores, passando pelos funcionários e pais.



Todos os anos, os alunos que gostariam de constituir a Mesa da Assembleia, formam listas de 10 elementos e, durante um tempo pré-estabelecido pela “Comissão Eleitoral” (conjunto de alunos encarregados de organizarem as eleições, de forma a assegurar que nenhuma regra é violada e que tudo corra o melhor possível), apresentam as suas promessas e fazem a campanha eleitoral.

Chegado o dia das eleições, todos os alunos se dirigem às mesas de voto com o seu cartão de eleitor e usam do seu direito ao voto. Após a eleição, a Mesa da Assembleia fica responsável por elaborar uma convocatória onde estão presentes os assuntos a ser tratados na reunião da assembleia seguinte, assim como a ata da reunião anterior, que será depois aprovada por todos.

Normalmente, os assuntos são de interesse escolar e todos os presentes podem opinar, contudo o Presidente é o único que “dá a palavra”, ou seja, decide quem fala e quando fala, para que todos possam ser ouvidos. Em caso de votação, apenas os alunos têm o direito ao voto.

O fato de termos uma Assembleia e de lá tomarmos decisões que influenciam o futuro da escola, faz-nos sentir importantes, ou seja, ao vermos que a nossa opinião conta, envolvemo-nos muito mais na escola e o interesse começa a despertar! Sentir que somos parte de algo é muito agradável! A participação nas assembleias ajuda-nos a desenvolver o nosso “sentido crítico”, ajuda-nos a argumentar e a sermos mais responsáveis, pois temos mais consciência dos problemas que nos rodeiam. E que está em nossas mãos resolvê-los!

As nossas assembleias são como as assembleias nos parlamentos, reuniões de pais, condôminos, embora um pouco mais organizadas...

Sonho que, um dia, eu também possa presenciar cenas de convivência e respeito mútuo entre alunos e professores. Sinto-me "frustrada" quando não consigo ajudar um aluno considerado indisciplinado pelos professores.

Reconheço que a questão da indisciplina, no Brasil, é muito complexa. Em uma das palestras do Professor Pacheco, aqui, no Brasil, ele disse que não se forma para a cidadania, mas na cidadania. A minha pergunta é como é possível iniciamos um trabalho que contribua para formação deste ambiente de cidadania e convivência democrática?

Professor:

Em minha opinião, e tal como refere o Prof. Pacheco, é necessário que os alunos "vivam" e "construam" a sua própria cidadania, no exercício da cidadania. Muito do trabalho que é desenvolvido por estes "cidadãos de palmo e meio", nasce de um forte contexto de aprendizagem, numa base de tentativa e erro. Pela experiência que possuo (que também não é muita...), verifico que, no início é muito difícil para os alunos e é necessária muita compreensão por parte de todos, para que os meninos se preparem de forma consistente e adequada para o exercício efetivo de cidadania.



A Escola da Ponte, além de atender à linha crítico-social, também é rogeriana? Nas assembleias, existe essa preocupação fundamentada nesse paradigma?

Professor:

Não é só nas Assembleias, é em todo o trabalho.

Trabalho em um projeto de esporte no Brasil em que procuramos também fazer com que as crianças e adolescentes construam suas listas de direitos e deveres, que chamamos de "Combinados", e enfrentamos dificuldades em fazer com que cumpram efetivamente aquilo que propõem. Acredito que a dificuldade se deve ao processo de interiorização, que é demorado e diferente para cada um. Mas, por vezes, acredito que o processo pelo qual os Combinados são construídos prejudica seu cumprimento, pois é tratado pelo próprio educador como uma atividade para fazer uma lista escrita e não como um exercício efetivo de cidadania, que só se inicia com a lista pronta... Gostaria de saber como acontece o processo de construção da Lista de Direitos e Deveres: Como ocorre a mediação, para que não haja abuso por parte das crianças e adolescentes? Qual o papel dos adultos durante a construção da lista?

Acreditamos ser importante que o educando se responsabilize pela consequência de seu ato, buscando repará-lo e chamamos isso de sanção por reciprocidade (com base nos estudos de Piaget). Isso também acontece na Ponte?

Professora:

A essência dos "Combinados" se perde se não for aceita por TODOS e posta em prática por TODOS! A listagem vira quase receita de bolo de chocolate que você, simplesmente, guarda no armário da cozinha e promete fazer "amanhã". Esse amanhã nunca chega... Lista de Direitos e de Deveres não pode ser levada que nem promessa de mulher para fazer regime, que começa bem-intencionada, mas fica protelando a aplicação!

O projeto Fazer a Ponte tem algo basilar, considerando esse problema: trabalho em equipe - todos os professores têm de exibir a mesma atitude - (ação conjunta) e atualização da lista dos "Combinados", anualmente (pelos alunos, obviamente!). A atualização é analisada, primeiramente, em pequenos grupos; depois, revista em debate; e, finalmente, aprovada em Assembleia.

A criança não é boba, ela entende tudo e muito bem. Com os adolescentes, um "bom papo" pode operar milagres. É lógico que existirão infrações sempre! O erro é humano... Como agir? Para cada



ação, há uma reação. A cada direito, corresponde um dever! Se alguém, frequentemente, prevarica (erra) - ação, qual que é a reação? O que se considera mais importante? Punir, para que o outro tenha medo da sanção? Ou levar o outro a entender a dimensão da sua falha? O que se pretende? Robô ou gente? Pensemos em adulto na estrada. Por que pára no sinal? Porque tem medo que um policial esteja por perto! Porém, no seu interior, uma vozinha grita assustada - pode morrer, "ó tio", pode matar "ó tio", não é? É importante cumprir regulamentos. Mas mais importante é entender o motivo do incumprimento. Levar o outro a refletir pode ser até mais penoso do que dar castigo! Na hora em que se reconhece o quanto se foi injusto e cruel, até as entranhas se reviram de vergonha. Jesus falou quanto aos justos e pecadores: mais vale o arrependimento sincero de um pecador do que 1000 justos! Comparemos a situação em termos de aprendizado: cumprir por medo da sanção e cumprir porque se tem consciência da necessidade da regra. Em qual das situações haverá aprendizado? Quando o aluno cumpre por medo da punição, ou quando não cumpre, é chamado a refletir, assume, compreende e tenta corrigir a falha? Os "nazistas" cumpriam o dever, cumpriam bem certinho as regras impostas... Refletiam? (pergunta retórica - é lógico que NÃO! - executavam ordens sem pensar). Queremos formar pensadores e não executantes! Queremos cidadãos ativos e não cumpridores passivos!

Já existiu, em outras épocas deste projeto, um Tribunal - os meninos, em Assembleia, definiam castigos para os infratores. Isso acabou. Hoje, depois do erro cometido, há uma chamada de atenção por parte do orientador! Tudo vai depender da falha, do número de vezes ocorrida, dos motivos desse descarrilamento. Mediante a gravidade, o professor-tutor também vai agir, os pais vão tomar conhecimento, existem vários dispositivos.

A Comissão de Ajuda veio substituir o tribunal. - Quem pode atirar a primeira pedra? É preciso dar a mão e não dar tapa na mão! Refletir e não humilhar! Meditar e não anuir sem saber por quê! Todo mundo cumpre, todo mundo falha.

Sou apenas uma professora como outros professores. Mas trabalho numa escola em que ninguém se sente só. Aprendemos com os alunos, a cada instante!

Professor:

No ano passado, os alunos aprovaram um Direito semelhante a este: "Temos o Direitos de ouvir a música que quisermos nos espaços". Os orientadores educativos entenderam o que eles pretendiam: ouvir todo o tipo de música nos espaços, mesmo a mais agitada. Todos nós hesitamos: deveríamos intervir, ou não, na Assembleia? Optamos por não o fazer.

O Direito foi aprovado e quinze dias depois foi alterado por sugestão dos alunos. Eles colocaram duas vezes música mais agitada e compreenderam que assim não poderia ser, pois não tinham



condições para estudar, quer em grupo, quer individualmente. A música deixava de ser música, para ser ruído naquele contexto de trabalho.

Os alunos são pessoas e... pensam!

O ambiente e processo educacional democrático da Ponte, por meio das Assembleias, entre outros mecanismos, favorecem e até facilitam o "a construção do processo educacional do aluno", sendo um ambiente acolhedor e favorável a estas relações, que acredito que minimizam os conflitos "indisciplinas". Como estes mesmos alunos se comportam ou lidam com ambientes que não são tão favoráveis, onde até que não haja a democracia construída no qual há direito ou a vez da palavra do aluno?

Professores:

No que diz respeito aos reflexos em termos familiares, os únicos dados que temos são recolhidos no encontro entre pais e professor-tutor. Acima de tudo, o que a escola tenta assegurar é uma efetiva responsabilização dos pais pelo comportamento destes alunos na escola, ou seja, sem a cooperação dos pais, qualquer estratégia de regulação de comportamentos se torna infrutífera.

Também tentamos perceber se o desenvolvimento de valores, o respeito ou o cumprimento de regras, têm um momento de reflexão em casa e com os familiares. Neste sentido, a tarefa de “disciplinar” alunos passa pela tarefa de “disciplinar” os pais, na tentativa de sensibilizar para a participação e presença constante na escola. A escola é feita por todos (pais, alunos, professores, auxiliares, amigos da escola...).

São vários os momentos em que os alunos podem estar em diferentes contextos e é sintomático o seu comportamento: distingue-se de outros alunos na mesma situação ou nos mesmos contextos. Falamos especificamente de visitas ou saídas de estudo que, habitualmente, ocorrem no âmbito do plano eco escolas - os alunos comportam-se com “muita categoria”, interessam-se imenso por aprender com essas experiências (até porque as preparam previamente) e em situação de contato com outros alunos, destacam-se pelas suas atitudes. A preocupação ecológica, a curiosidade e a pertinência das perguntas levantadas, estão latentes nestas saídas.

Gostaria de entender melhor alguns aspectos de implantação e funcionamento da Comissão de Ajuda e Assembleia. Como é a composição da Comissão de Ajuda? Como surgiu, como está estruturada e como é gerida? Qual o papel do educador neste trabalho?

Os meninos da fase de iniciação já vivenciam essas práticas? Existe uma etapa intermediária, onde eles aprendem a fazer assembleias menores, antes de entrarem no grupo todo?



Professor: Creio que a Comissão de Ajuda tenta devolver a responsabilidade aos próprios alunos, no sentido de, mais uma vez, lhes proporcionar o exercício da sua autonomia. A Comissão de Ajuda é constituída por seis alunos. Três deles foram designados pelos professores e três foram escolhidos pelos membros da Mesa da Assembleia.

A Comissão de Ajuda reúne semanalmente com a Mesa da Assembleia e tenta resolver os problemas que vão surgindo. Gerem os dispositivos “Acho Bem” e “Acho Mal” e a “Caixinha dos Segredos”. Com a Mesa da Assembleia e a Comissão de Ajuda trabalham três professores, que tentam orientar e ajudar (sobretudo nas situações mais complicadas) as duas estruturas.

Todos os alunos participam no processo eleitoral. Aliás, é obrigatório que em cada lista para a Mesa da Assembleia esteja, pelo menos, um aluno da primeira vez.

É necessário que a Comissão Eleitoral, que precede a eleição da Assembleia, explique aos alunos menores, com muito detalhe, o processo e qual a finalidade da Assembleia. E as promessas de cada lista também têm de ser muito bem debatidas.

A Comissão de Ajuda é um instrumento fundamental no dia a dia da escola, tem um papel de autorregulação e de coresponsabilização. Gere o processo de resolução de conflitos. As suas decisões têm por referência a lista dos Direitos e Deveres.

Entendo que disciplina está aplicada a vários momentos da pessoa, no comportamento interno e externo. A disciplina interna estaria no esforço de estudar, pesquisar, conhecer, aprender. Inclusive, aquela hora do estudo em casa, nos hábitos de higiene, no cuidado consigo, ter domínio de si e das próprias necessidades. A disciplina externa estaria no contato ou relacionamento com os colegas e professores.

A disciplina pode ser entendida como a harmonia entre as crianças? O interno aflorando naturalmente para o externo, a atenção para ouvir e poder falar e ser respeitado. A tolerância pode tornar-se preocupante por ter que suportar situações que não sejam agradáveis, viver aguentando os outros e ficar submisso? Existem casos e como vocês atuam com os casos de passividade e obediência extrema, a criança apagada?

Professora:

A questão é pertinente e nós sentimos na Ponte. Num destes dias, estávamos numa reunião preparatória da Assembleia, (responsabilidade a que estamos ligados) e a convocatória construída pelos alunos previa o debate sobre violência no recreio. Os alunos debateram o assunto, no sentido de se prepararem para a dinamização do debate, e a discussão tornou-se bastante emotiva. Um menino argumentava que, por mais violentos que sejam os atos dos colegas, eles deviam sempre ajudar e intervir para que eles refletissem. Outra menina da mesa dizia que é tarefa da Comissão de



Ajuda sanar de imediato os problemas e procurar saber o que se passou. Mas, no cantinho um choro se começou a ouvir e um dos meninos da Comissão de Ajuda pergunta emocionado: “Como podemos nós ajudar, se eles recusam constantemente a nossa ajuda. Não precisaremos nós também (Comissão) de ajuda? “

De fato, apesar de haver referenciais orientadores de atitudes, alguns alunos (os que ingressaram recentemente na Ponte) conseguem subvertê-los em seu favor e persistir na atitude de negação, de não reconhecimento do instituído. Ora, num sistema onde a maioria (“os pombos”) deveria influenciar a minoria (“os falcões”), ela reforça-se e perverte a realidade. É certo que, de alguma forma, eles influenciam a maioria a tornar-se passiva porque esta está desmotivada e sem autoestima. É certo que o fazem porque até as atitudes da maioria não demonstram consistência, mas também é certo que no mundo das “aves” é preciso ajudar no primeiro voo e para alguns casos este é o primeiro voo para a responsabilidade, para a liberdade, para a aprendizagem. Alguns meninos não encontraram nos anteriores contextos educativos estes princípios e valores.

Voltando ao menino da reunião da mesa da assembleia, nós confrontá-mo-lo com a necessidade de ser paciente e de não desistir da ajuda, apesar de não ver ainda o reconhecimento dos colegas. Mas percebemos que o sofrimento e a incapacidade de resposta dos alunos denunciam a dificuldade dos orientadores em demarcar os limites do aceitável e não deixar impune este tipo de atitudes.

É muito importante que os alunos percebam que o professor não ignorou o incumprimento ou o desrespeito, ou desculpabilizou determinados atos, porque o aluno precisa de muito afeto e carinho, pois então cairíamos na velha questão de que “o crime compensa” e reforçaríamos a tendência dos falcões dominarem os pombos... Não é fácil pedir tolerância ao intolerável, mas é indispensável continuar a valorizar a solidariedade, o respeito e a cooperação dos pombos, sob pena de não haver exemplos para todos só “falcões” que entram na Escola da Ponte.

Desculpai a linguagem metafórica.

A Escola da Ponte é diferente das outras escolas, porque lida com as dúvidas sobre como resolver os problemas de indisciplina, implementando estratégias variadas, mas não só. A escola também possui um instrumento pedagógico "A caixinha dos segredos", que, como li a respeito, também muito ajuda na comunicação entre professores e alunos, alunos e alunos etc. Será que o empenho e o cuidado para "ouvir e ser ouvido", por parte de todos os envolvidos, estabelecendo assim uma boa comunicação, não seria responsável (também) pelo sucesso dos resultados do projeto?

Professores:



É evidente que a comunicação é fundamental para o sucesso do nosso projeto. Aliás, todo o nosso cotidiano está construído na base de dispositivos de comunicação. E não se trata apenas da caixinha dos segredos. Existem vários dispositivos que contribuem em grande escala para tal: a assembleia de escola, os debates preparatórios das mesmas, debates de espaço em pequeno grupo, o próprio "Eu já sei", o "Acho Bem e Acho Mal", o "Preciso de Ajuda", "Posso ajudar em", a tutoria, a responsabilidade... A caixinha dos segredos é mais um dispositivo que ajuda neste sentido, até porque facilita o nosso trabalho, quando os alunos possuem algumas dificuldades em se exporem, preferindo fazê-lo de uma forma mais discreta (que pode ser anônima ou não...).

Professor:

Penso que a "qualidade" da comunicação é um elemento essencial. A partir daí conseguimos compreender muitas coisas que não conseguiríamos compreender de outra forma. Por outro lado, só existe comunicação quando reconhecemos no outro alguém igual a nós. Estando nós com os ouvidos bem abertos, aumenta a probabilidade dos outros também estarem com os ouvidos bem abertos...

Conte-me um segredo: o que os alunos escrevem nos bilhetes da caixinha de segredos? Eles são direcionados a alguém? Devem ser assinados ou não?

Professora:

As mensagens que se colocam na caixinha dos segredos podem ter destinatário específico, ou não. Quando não têm, os elementos da Comissão de Ajuda leem-nas e tratam do assunto; quando têm destinatário são entregues sem serem lidos.

As mensagens podem servir para desabafar, denunciar uma situação (que não queira escrever no Acho bem/Acho mal), enviar um recado a algum colega, ou a um orientador educativo.

Professor:

Nunca li um bilhete da "Caixinha dos Segredos". Nunca, feliz ou infelizmente, me escreveram através desse dispositivo. Normalmente, falam comigo.

Os "segredos" podem, ou não, ser dirigidos a alguém. E podem, ou não, serem assinados.

Gostaria de saber mais sobre a "Caixinha dos segredos". Pelo que entendi, esta caixinha (de recados, cartas, pedidos de ajuda dos alunos) ajuda muito a entender a indisciplina de certos alunos. No tempo que estiveram na Escola da Ponte, vocês puderam acompanhar algum caso da "Caixinha dos segredos"? Como é feito este acompanhamento?



Muito já se falou da participação dos pais na Escola da Ponte. Muito envolvente, por sinal... Fico a me questionar: O gestor pode até querer a participação dos pais na escola, pois tem muitos pais que querem realmente o crescimento da escola em todos os sentidos e que colocam a mão na massa. Mas tem também muitos pais que ficam dando palpites, criticando sem dar sugestões, sentem ciúmes daqueles pais que realmente participam pais que, só porque ajudam, querem "exclusividade" para os filhos, e muitos conflitos podem surgir. Como o gestor deve agir?

Na Escola da Ponte são escolhidos os pais para a Assembleia pela participação dos mesmos nas atividades da escola?

Educadora brasileira:

Para a "Caixinha dos Segredos" vão os recados, cartas, pedidos de ajuda, como você falou, ou seja, o conteúdo que a criança/adolescente não consegue falar ao outro. Ela é acompanhada pelos membros da "Comissão de Ajuda", que são eleitos entre os componentes da "Mesa de Assembleia". Estes analisam o conteúdo dos recados deixados na Caixa e procuram resolver, ajudar, de acordo com cada caso.

Você aponta alguns conflitos que podem se desencadear a partir da participação de alguns pais e da falta de participação de outros. No caso do Brasil, acho que os problemas que aponta até são bem comuns. Na Ponte, não percebi nada do tipo, até porque já existe uma cultura escolar respaldada por aquela comunidade. Os pais que participam dos órgãos diretivos da Associação de Pais se colocam livremente e nunca falta trabalho para ninguém. Assim afirmam os mais antigos. Entre eles definem quem assume as posições estratégicas. A Equipe da Escola em nada interfere. Para essas funções estratégicas eles levam em consideração se o pai/mãe tem facilidade para se expressar, argumentar etc. Há uma interlocução com algumas instâncias, como o Ministério da Educação, que requer que a pessoa tenha o perfil julgado pelos próprios pais com sendo o mais apropriado. Porém, todos que se colocam para participar assumem algum tipo de responsabilidade.

Como são as mensagens da Caixa dos Segredos?

Professora:

As mensagens que se colocam na caixinha dos segredos podem ter destinatário específico ou não. Quando não têm, os elementos da Comissão de Ajuda leem-nas e tratam do assunto; quando têm destinatário são entregues sem serem lidas. Podem servir para desabafar, denunciar uma situação (que não se queira escrever no Acho bem/Acho mal), enviar um recado a algum colega, ou a um orientador educativo.



Eu poderia escrever um bilhete do gênero: “Gosto muito de conversar com os colegas do Brasil sobre a Ponte. Um beijinho!”

É através do plano quinzenal que os alunos indicam "Eu já sei"? E se o plano acaba antes de quinzena? Como se organiza novos desafios?

Professor:

Planificando as suas tarefas no "Plano da Quinzena", os alunos assumem o compromisso de, naquele espaço de tempo, cumprirem aquilo a que se propõem. Neste sentido, as tarefas que estão indicadas no plano devem ser avaliadas ao longo da quinzena, pelo que deverão ser indicadas no dispositivo "Eu Já Sei", por forma que os orientadores educativos da valência em questão possam verificar as aprendizagens construídas pelo aluno.

Normalmente, quando o aluno termina uma tarefa de determinada valência procura novos interesses nessa área e enuncia-os no "Plano da Quinzena", pelo que as tarefas nunca chegam a acabar, uma vez que o aluno tem constantemente curiosidades e interesses.

Os novos desafios/tarefas surgem do interesse e motivação dos próprios alunos.

A avaliação também serve para indicar que o aluno pode ser mais “desafiado” para desenvolver seus potenciais e não somente para saber que atingiu os objetivos? Há outras atividades onde o aluno inscreve-se no "Eu já sei"? Quais seriam?

Professor:

Não sei se percebi muito bem a tua pergunta, mas parece que perguntas se o único objetivo da avaliação acontecerá no final da aprendizagem. Será isso?...

Muitas vezes, a avaliação, por exemplo, de um projeto, obriga a que os alunos façam várias avaliações intermédias (pontos de situação). É fundamental que tal aconteça, para que o aluno encontre o caminho certo (ou não se perca dele...), defina estratégias e objetivos, e se oriente naquilo que ele considera fundamental desenvolver.

Por outro lado, é muito relativo dizer que o aluno esgota a sua aprendizagem num determinado assunto no momento em que se propõe à avaliação formal. Haverá com certeza, muito a explorar, se assim o aluno entender e se tratar de algo que o motive. Terá, quando muito, atingido a "sua" meta. Parece importante que se tente cumprir as tarefas/prazos/planificações estipuladas numa fase inicial, de forma a evitar que se caia num poço sem fundo...



Imaginei que, de fato, para este acompanhamento permanente que fazem com o objetivo de garantir orientação constante aos alunos, precisariam de dispositivos de observação (aliados a outros dispositivos). Você afirma que tais dispositivos têm permitido a construção de uma "base de dados mais rigorosa e vasta" e que os mesmos vão sendo aprimorados e são "construídos em cada Dimensão (a partir de orientações gerais comuns). Imagino que está falando das "cinco dimensões fundamentais: linguística, lógico-matemática, naturalista, Identitária e artística", que constam no Projeto Educativo da Ponte.

Podemos conhecer alguns dispositivos elaborados por vocês? E algumas das orientações comuns? E, ainda, algo da "base de dados" construída a partir de tais dispositivos?

Sei que a elaboração de dispositivos e orientações comuns não é tarefa fácil, pois exige justamente esforço para articular teoria e prática (daí a grande admiração que tenho pelo trabalho de vocês). Conhecer alguns instrumentos produzidos por vocês ajudará uma vez mais aperceber que teoria e prática podem caminhar juntas. Além disso, possibilitará confrontá-los com algumas coisas que temos por aqui.

Finalizo, afirmando que não desejo apenas conhecer e copiar a produção de vocês, pois junto com educadores com os quais trabalhei cheguei a pensar instrumentos de auto avaliação para alunos e professores. Caso tenham interesse, poderia encaminhá-los a vocês.

Como fazer esta pratica maravilhosa de o aluno estar consciente de que já pode ser avaliado e ampliarmos o pensamento em rede para solução de problemas?

Professor:

O que está sujeito a avaliação depois de inscrição no "Eu já sei" é tudo. Ou seja, dentro dos projetos dos alunos existem aspectos que não fazem parte do programa oficial. Por vezes, alguns dos aspectos trabalhados nos projetos só com muito boa vontade podem ser encaixados dentro do programa oficial. Noutros, nem com boa vontade, a escala de medição da intensidade sonora (decibéis), a fusão nuclear ou o tuning não se enquadra em nenhum dos pontos do programa oficial do ensino básico. Nestes casos, acrescentamos cada um desses aspectos ao registro dos alunos. Por outro lado, as competências associadas aos projetos já são, habitualmente, avaliadas no final do ano.

Estes aspectos relacionados com os projetos, que são extremamente diversificados, obrigam (no bom sentido) os alunos a resolverem problemas e a auto avaliar-se em itens que não fazem parte dos manuais, ou dos conhecimentos dos pais e dos professores, que também são obrigados a pesquisar muitas coisas...



Quanto tempo um aluno que chega à Ponte leva para utilizar o "Eu já sei"? Como (aluno e orientador) concretizam o "Eu já sei"?

Professor:

Como respeitamos o ritmo individual de cada aluno, não me é possível dizer especificamente o tempo que demora à correta utilização do "Eu Já Sei". No entanto, como deve compreender, a melhor utilização dos dispositivos é conseguida com uma maior vivência e experiência do projeto.

Um aluno, após ter escolhido uma questão pela qual sente curiosidade, realiza um conjunto de tarefas que lhe permitem construir aprendizagens naquele âmbito. Quando considera que as aprendizagens construídas são suficientes para compreender aquele tema, escreve o seu nome no "Eu Já Sei". O orientador educativo, através de uma conversa, da realização de uma atividade, da resolução de um problema, da partilha do que aprendeu com os colegas (por exemplo, no momento de auto avaliação) avalia as aprendizagens do aluno. Acaso considere que estão consistentes, assina o "Eu Já Sei", bem como o "Plano da Quinzena" do aluno.

Professor:

No início, a utilização do "Eu já sei" é muito induzida pelo professor. Observando o trabalho dos alunos mais pequenos, vamo-nos apercebendo do que eles já conseguem e ainda não conseguem fazer e, muitas vezes, é necessário perguntar: "Então, companheiro? Não achas que já sabes isso?". Inicialmente eles ficam a olhar para nós com uma de estranheza. Depois, apercebem-se facilmente e começam a utilizar o "Eu já sei" por vontade própria.

Qual o fundamento teórico que norteia o trabalho sociomoral e sócia afetivo desenvolvido na Ponte?

Professor:

O desenvolvimento sociomoral e sócia afetivo dos alunos - potencializado por dispositivos pedagógicos como a Assembleia, a Comissão de Ajuda, a Caixa dos Segredos, ou os encontros com professor-tutor - teve por principal referência (embora haja outras) o trabalho de Kolberg e de Erickson. E, também, o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. Ainda que sustentados na teoria, os professores não ensinam aquilo que dizem – ensinam aquilo que são.

Vocês dizem que os professores são parte fundante do processo de aprendizagem, por sua dimensão de exemplo, inclusive no cumprimento dos direitos e deveres acertados com os



alunos. Já houve caso em que um professor resolveu não seguir isso? Se houve como se comportaram? Há algo parecido com a Comissão de Ajuda para os professores?

Professora:

Não me ocorre nenhum caso semelhante ao que enunciou, contudo a sua pergunta não deixa de ser interessante, na medida em que também nós, orientadores, temos fragilidades e, como qualquer ser humano, quebramos as regras.

Na nossa prática, nem sempre é fácil mantermos uma postura modelo face aos direitos e deveres. Ocorre-me, situações de nos "esquecemos" de pedir a palavra, de falar num tom mais baixo nos espaços, de apanhar o lixo que vemos no chão... Curiosamente, nesses momentos, os alunos são os primeiros a alertar-nos. Aliás, eles são os nossos melhores críticos!

Neste projeto, a exigência e o rigor das atitudes dos alunos estendem-se, como não poderia deixar de ser, aos orientadores. De cada vez que estamos em equipe, em reflexão conjunta, este é um dos pontos de discussão mais importantes.

Agimos solidariamente e alertamo-nos uns aos outros, tentando melhorar as nossas práticas, porque acreditamos que só através de uma ação conjunta é que qualquer projeto se realiza. Já imaginou como ficariam as cabecinhas dos nossos alunos se adotássemos procedimentos diversos e agíssemos com os alunos de forma diferente?...

Além disso, sendo o dispositivo dos Direitos e Deveres tão importante para os alunos e sendo ele regulador dos próprios comportamentos, a única forma de o valorizarmos e de o respeitarmos é, também, nós sermos promotores e defensores da sua concretização.

Se porventura, algum colega tivesse dificuldade em interiorizá-lo, tal como aos valores que servem de âncora a este projeto, rapidamente outro colega o ajudaria, eu diria mesmo que ele próprio rapidamente se aperceberia de que a sua postura divergia da dos restantes orientadores.

A nossa Comissão de Ajuda é, em primeira instância, a nossa consciência, enquanto indivíduos que formam outros indivíduos, para atuarem democraticamente e corretamente em sociedade. Em segunda instância, o "grau de filiação" (penso que não será a melhor designação, nem sei se haverá graus, mas não me ocorre outra) a este projeto. Se nele acreditamos, determinaremos toda a nossa atuação a partir daí. Em última instância, os colegas com quem trabalhamos e que, solidariamente e fraternalmente, nos alertam quando erramos.

Desejo entender um pouco melhor a dinâmica das assembleias dos alunos, como eles percebiam as situações vivenciadas, os pais participavam delas também? Como elas se instalavam? Qual o sentimento dos alunos ao participarem desta atividade, com que frequência elas aconteciam?



Aluna:

A assembleia realiza-se todas as sextas-feiras de cada mês e nela participa toda a comunidade escolar, desde os alunos aos professores, passando pelos funcionários visitantes e pais.

Todos os anos, no início do ano letivo, os alunos que gostariam de constituir a Mesa da Assembleia, formam listas de 10 elementos e, durante um tempo pré-estabelecido pela “Comissão Eleitoral” (conjunto de alunos encarregues de organizarem as eleições, de forma a assegurar que nenhuma regra é violada e que tudo corre o melhor possível), apresentam as suas promessas e fazem campanha eleitoral.

Chegado o dia das eleições, todos os alunos dirigem-se às mesas de voto com o seu cartão de eleitor e usufruem do seu direito ao voto. Após a eleição da Mesa da Assembleia e distribuídos os 10 lugares, a Mesa fica responsável por elaborar uma convocatória onde estão presentes os assuntos a serem tratados em assembleia, assim como a ata da assembleia anterior, que será depois votada por todos.

Normalmente, os são assuntos de interesse escolar e todos os presentes podem opinar. Contudo, o Presidente é o único que “dá a palavra”, ou seja, decide quem fala e quando fala, para que todos possam ser ouvidos. Em caso de votação, apenas os alunos têm o direito ao voto.

O fato de termos uma assembleia e de lá tomarmos decisões que influenciam o futuro da escola, faz-nos sentir importantes. Ao vermos que a nossa opinião conta, envolvemo-nos muito mais na escola



e o interesse começa a despertar! Sentir que somos parte de algo é muito agradável. A participação nas assembleias ajuda-nos a desenvolver o nosso “sentido crítico”, ajuda-nos a argumentar e a sermos mais responsáveis, pois temos mais consciência dos problemas que nos rodeiam e que está em nossas mãos resolvê-los.

Resumindo, as nossas assembleias de escola são como as assembleias nos parlamentos, reuniões de pais, condôminos, embora um pouco mais organizadas.

Li apenas uma questão respondida por você. Fiquei curiosa: em que ano/série você se encontra? Você foi eleita presidente da Assembleia: todos os alunos da escola votam? Quantos candidatos havia? Durante quanto tempo você exercerá esse cargo? Qual foi sua proposta para vencer os demais candidatos?

Aluna:

Eu estou há oito anos neste projeto.

Todos os alunos têm o direito de votar de igual forma. Neste ano, ao contrário de outros (esta é a minha segunda vez como presidente), só duas listas concorreram às eleições de escola. Cada presidente exerce o seu cargo durante um ano letivo. No meu caso, vou exercer até ao fim deste ano escolar.

Quanto à última questão julgo que mais importante do que a campanha e a lista de promessas normais nestes casos foi o fato de ter concorrido pela segunda vez e como tal foi no meu entender um voto de confiança no trabalho exercido anteriormente. No entanto e acaso seja necessário, posso obviamente enviar cópia da minha lista de promessas e objetivos, assim como responder a qualquer outra questão.

É muito frequente em grupos de pessoas a incompatibilidade de gênios e de opiniões. Quando há conflito entre alunos, ou entre alunos e professores, como, na prática, se faz a resolução de conflitos na Escola da Ponte?

Aluno:

A resolução de conflitos na nossa escola é trabalhada do seguinte modo: existe a Comissão de Ajuda, que é um grupo de alunos eleito pela Mesa da Assembleia e pelos professores. Esse grupo de alunos resolve problemas na escola, mas o que não conseguirem resolver é transferido para a Assembleia, para que todos decidam como resolver.



Estava olhando o blog da Escola da Ponte e me deparei com as promessas de todas as listas. Coloquei aqui algumas que achei mais interessantes e gostaria que todos comentassem um pouco, para que possamos ter uma visão mais ampla.

“Lista B - 6. - Visitar outras escolas, para comparar o método de ensino. / Lista D - 8. Fazer um intercâmbio, pela internet, a nível nacional, de forma a divulgar o nosso projeto”. Essa visita acontece? Se sim, com que frequência? Como é feita?

“Lista D - 1. Ajudar os alunos mais velhos nas suas escolhas profissionais, proporcionando-lhes, por exemplo, um dia como na sua profissão de futuro”. Há, na Escola da Ponte, uma orientação profissional? Como é feita?

“Lista C - 12. Realizar um livro sobre a Escola da Ponte / Lista D - 9. Reviver as diferentes etapas de criação e desenvolvimento do Projeto "Fazer a Ponte", de forma a dar-lhe valor”. Os alunos têm idéia de como foi iniciado o projeto? O que eles pensam disso? É percebida nos alunos alguma vontade de tentar implementar projeto semelhante em outras escolas?

Aluna:

As promessas das listas vão de encontro às necessidades, interesses e curiosidades dos alunos, sendo assim, tenho a certeza que as duas listas em questão (B e D) gostariam de conseguir concretizar essas promessas (assim como todas as outras). Posso desde já adiantar que, nesta ultima semana, realizaram-se intercâmbios, via internet, com outras escolas (nomeadamente escolas brasileiras). Sei que alguns dos temas discutidos foram a amizade e o nosso projeto. Por vezes, alguns alunos da escola deslocam-se a universidades ou escolas dos três ciclos de ensino, para falarem e esclarecerem algumas curiosidades sobre o nosso método de ensino.

Na escola, temos pequenos grupos de alunos, formados, voluntariamente, no início do ano, com o acompanhamento de um(a) psicólogo(a) e/ou de um professor. Nesses grupos, se assim desejarem, tem acompanhamento relacionado com as suas escolhas profissionais, no futuro. Os alunos mais velhos, que, infelizmente, terão que "deixar" a escola no próximo ano, têm um acompanhamento mais personalizado. Quando a lista D criou essa promessa, gostaria de entrar em contato com profissionais, de forma a que os alunos tivessem a oportunidade de passar um dia no "seu trabalho do futuro".

As listas C, D e F criaram esta proposta a partir de uma conversa entre amigos (neste caso, as respetivas cabeças de lista). Muitos alunos da escola acham que é sempre importante rever e "reaprender" o objetivo deste projeto. O que é, em minha opinião, o que eu e os restantes alunos estamos a fazer durante estas "conversas". Foi uma das razões de querer participar e fazer-vos "apaixonar", da mesma forma que nós nos "apaixonamos" pelo projeto.



Sendo assim (e voltei a fugir da questão colocada), as listas tiveram ideias muito criativas para tornar possível, por exemplo, a criação de um livro.

É engraçado que essa pergunta tenha surgido. Porque, ainda hoje, a Rita (cabeça de lista da Lista D) falou comigo sobre umas pesquisas que tem feito, relacionada com o passado do nosso projeto, o que quer dizer que, ao contrário de muitos políticos, estes alunos prometem e pretendem cumprir as suas promessas...

A Assembleia atua diante dos problemas com professores, já que são problemas da escola? A indisciplina dos mestres também é apontada nas Assembleias da Escola? Acontece em reuniões de professores? Estas seguem a mesma forma das assembleias de alunos?

Professores:

Em primeiro lugar, será importante referir que o “Grupo de Responsabilidades” a que estamos mais afetos é precisamente, a Assembleia. A nossa experiência nesta responsabilidade não é muito vasta, uma vez que se trata do primeiro ano que tal acontece. Está a ser uma experiência extremamente gratificante e uma aprendizagem fantástica.

A Assembleia de escola é dos alunos e não dos professores. É tudo feito e preparado por eles: a logística da assembleia, a elaboração das convocatórias, as reuniões preparatórias, as atas, a dinamização das reuniões e o balanço das mesmas. A intervenção dos professores deverá ser a menor possível. Deverá acontecer em casos muito excecionais e quando verificamos que os trabalhos estão a “caminhar” em sentido errado, o que raramente acontece.

Em todas as reuniões de Assembleia existe um ponto na ordem de trabalhos dedicado aos professores, aos pais, aos auxiliares educativos e às visitas que recebemos na escola.

Os professores não se reúnem de modo tão formal como os alunos. Mas “copiamos” muitos dos procedimentos que eles utilizam como: pedir a palavra, respeitar as decisões da maioria, tentar ajudar os colegas...

É evidente que isto nem sempre acontece. Por vezes, sentimos que as assembleias decorrem bem melhor do que as nossas reuniões. Os adultos são mais “complicados” do que as crianças. Devido a vários motivos, as nossas reuniões têm sido mais direcionadas para assuntos de ordem administrativa do que para assuntos de ordem pedagógica, como deveriam ser. Estes momentos são de excelência para o nosso desenvolvimento pessoal e coletivo. Todos esperamos que essa tendência venha a se inverter nos próximos tempos...



Solicito que, por gentileza, comente um pouco sobre como acontecem os encontros entre os alunos e seus tutores, sobre as Comissões de Responsabilidades e como elas são construídas, anualmente. Neste ano, quais são as Comissões?

Aluna:

As reuniões acontecem todas as semanas às quartas-feiras e o relacionamento entre professor (tutor) e aluno é muito importante. O papel do professor neste caso resume-se a ajudar o aluno a ter um bom desempenho escolar. Mas, ao mesmo tempo, preocupa-se com a "vida" do mesmo (claro que sem que isso interfira na privacidade do próprio aluno). Como eu já disse noutras ocasiões em que me colocaram esta mesma questão: o professor-tutor não é só um simples professor (sem desvalorizar os restantes professores, obviamente), mas é também um amigo com o qual podemos contar (claro que também depende um pouco da relação desenvolvida entre cada aluno e professor no início de cada ano letivo).

Em cada reunião de tutoria discutimos em pequeno grupo os problemas existentes na escola e os alunos (tutorados) também podem sugerir assuntos bastante interessantes para conversar em reunião de tutoria. Para finalizar, devo só referir que o professor tutor, quinzenalmente, conversa com os seus tutorados sobre o trabalho individual e em grupo, apontando os aspetos positivos e negativos dessa quinzena, tentando arranjar com o aluno soluções no sentido de poder melhorar as situações menos positivas.

Respondendo á questão relacionada com as Responsabilidades, todos os anos fazemos um levantamento das mesmas, organizamos e preparamos o trabalho a desenvolver em cada Responsabilidade durante esse ano letivo. Neste ano, as Responsabilidades existentes nos três núcleos da escola (não fugindo à regra dos anos anteriores) são as seguintes: Assembleia ; Terrário e Jardim (3 R's); Bar (esta responsabilidade existe somente no núcleo de Aprofundamento); Biblioteca; Jornal; Recreio Bom; Correio da Ponte; Computadores, Música e Som da Assembleia; Murais.

Sobre a Assembleia: entendi que esse é um momento privilegiado para tratar das questões da escola de um modo geral, semanalmente. Como é que se dá seu funcionamento? Existe uma pauta pré-estabelecida? Todos os alunos têm direito à palavra? Como é que se entra em acordo?

Sobre o Tribunal: entendi que se trata de um instrumento para lidar com questões disciplinares. É dado um tempo para o aluno que rompeu com as regras acordadas poder refletir sobre o que fez? Quero saber um pouco mais sobre isso. São os próprios colegas que decidem quem irá para o Tribunal? Trata-se mesmo de um julgamento interno? Existem



punições? Como são decididas? Vocês também buscam compreender o que motivou o rompimento da regra? A família dos alunos é convocada de alguma maneira nesse processo?

Aluna:

A reunião da Assembleia acontece todas as sextas-feiras e nela participa toda a comunidade escolar. Quanto ao "tribunal" ("Comissão de ajuda" é o termo mais correto!), a questão é muito simples. Quando alguém procede de forma incorreta, ou quando alguma situação necessita de ser corrigida, é colocado o problema no dispositivo "Acho mal". Esse dispositivo é depois analisado pela Comissão de Ajuda (constituída por 4 elementos: 2 escolhidos pela Mesa em representação de todos os alunos e 2 escolhidos pelos professores), que depois levará a Assembleia os problemas que necessitam de opinião de todos os alunos para serem resolvidos.

Depois de apresentados e discutidos os problemas, são apresentadas propostas de resolução. Quando se trata de um aluno que fez algo incorreto, normalmente é-lhe dado tempo para refletir sobre as suas atitudes tendo, depois, de fazer um pedido de desculpas público. Porém, há outras soluções. Tudo depende das propostas aprovadas. É obvio que os motivos são sempre tidos em conta, pois influenciam a atitude tomada. E, se estes forem plausíveis, o caso será "anulado".

Os pais não têm qualquer influência na "ajuda" prestada pela assembleia ao aluno, se o assunto não tomar grandes proporções.

Professora:

Só tenho a acrescentar que a Comissão de Ajuda (Tribunal, como em tempos era chamado pelos alunos) tem um papel muito importante no bom funcionamento da escola, pois não utiliza somente o "Acho Bem" e "Acho Mal" para resolver os referidos problemas. Utiliza todos os dispositivos da melhor forma, para ajudar os colegas. Um deles é a Caixinha dos Segredos, onde os colegas podem exprimir a sua opinião sem que com isso esta seja exposta diante de toda a escola.